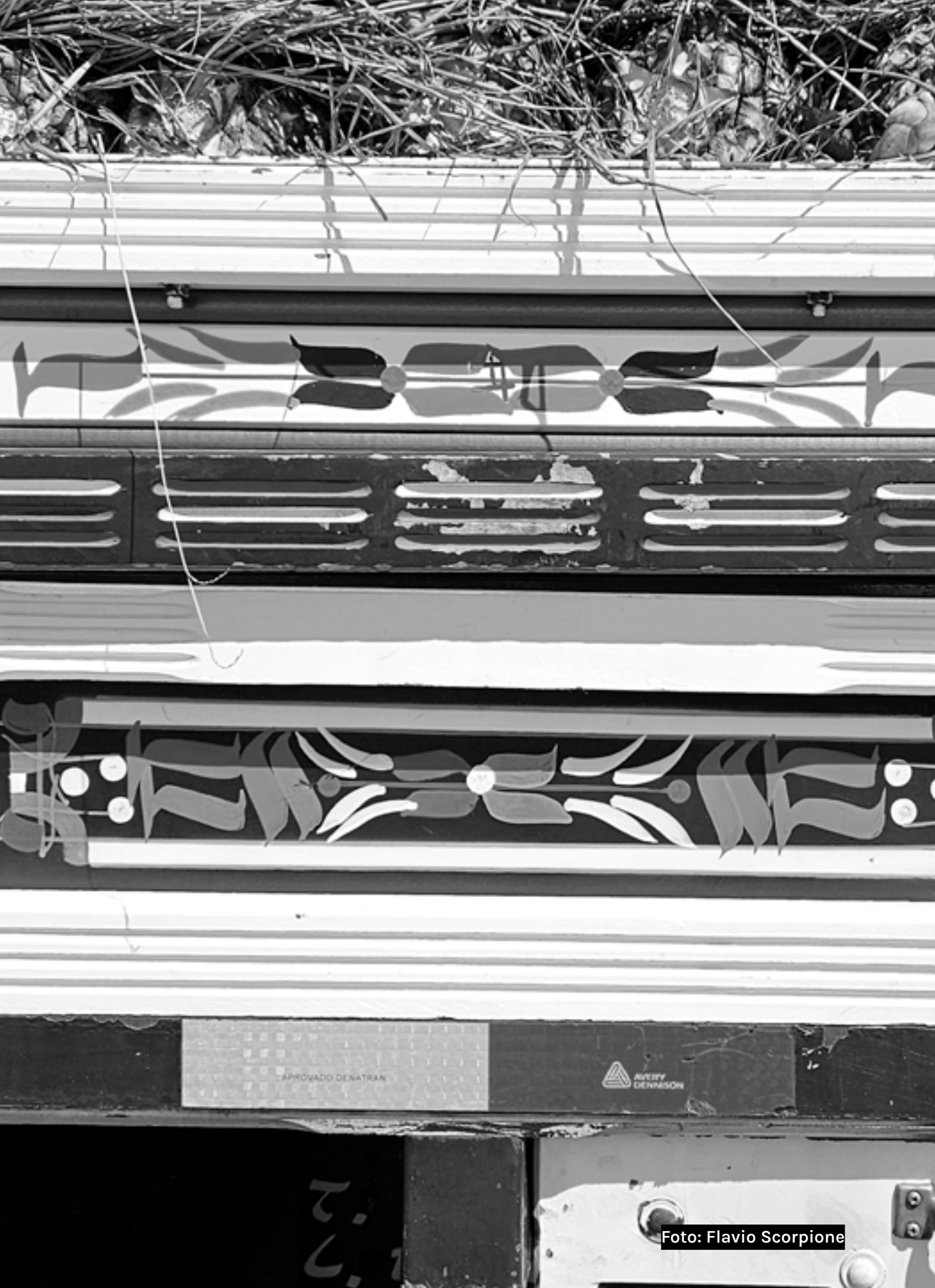


LETRAS

CONTÉM GUIA
PASSO A PASSO DE COMO
PINTAR LETRAS



MEMÓRIA AFETIVA E LATINIDADES



APROVADO DENATRAN



Foto: Flavio Scorpione



05 CULTURA VISUAL POPULAR

**07 LETRAS & FILETES: MEMÓRIA
AFETIVA E LATINIDADES**

08 ARTISTAS

10 TRAÇOS QUE O TEMPO NÃO APAGA

**12 O SOTAQUE GRÁFICO
DO BRASIL VERNACULAR**

**14 A DIVERSIDADE DA LETRA
POPULAR BRASILEIRA**

**17 CARTAZES DE MERCADO E A ARTE
DO COTIDIANO BRASILEIRO**

**19 A LETRA DECORATIVA AMAZÔNICA
E A IDENTIDADE RIBEIRINHA**

**20 O BRASIL PINTADO NA
CARROCERIA DE UM CAMINHÃO**

22 LATINIDADES PINTADAS À MÃO

24 PRA FECHAR, COM TODAS AS LETRAS

**26 PASSO A PASSO DE
COMO PINTAR LETRAS**

32 ALFABETO POPULAR

**38 A BELEZA E A COMPLEXIDADE
DO ATELIÊ DO LETRISTA**

39 GLOSSÁRIO

40 FICHA TÉCNICA



Carretilha



CULTURA VISUAL POPULAR

É próprio da condição humana representar seus afazeres e desejos mais sensíveis. São expressões de natureza inquieta, testemunhos de um saber que sobrevive ao tempo. Na América Latina, desde o período colonial, as representações visuais foram vigorosas na comunicação, transmissão de saberes e produção de memória. As ilustrações de Waman Puma e Melchor María Mercado, por exemplo, contribuíram para constituir a versão dos povos pré-colombianos sobre a história boliviana. No Brasil, a tradição dos grafismos indígenas atesta a diversidade entre aqueles que primeiro habitavam o território.

A cultura latino-americana encontra na força dos ofícios artesanais alguns de seus contornos mais marcantes. A partir da urbanização e do crescimento do comércio nas ruas, mercados e feiras, a palavra escrita ganhou corpo e cor pelas mãos de artesãos-artistas, que disseminam o ofício entre gerações. Das letras vernaculares aos filetes que decoram caminhões e barcos, essas composições visuais cumprem mais do que uma função comercial ou estética: constituem marcas identitárias e de vizinhança, expressando uma linguagem direta, acessível e também afetiva e poética.

Idealizada pelo artista e curador Filipe Grimaldi, em parceria com Thiago Neves, a exposição **Letras & Filetes: Memória Afetiva e Latinidades**, realizada primeiramente no Sesc Ipiranga entre 2025 e 2026 e agora em circulação no Sesc Piracicaba, celebra a riqueza das letras populares e da ornamentação fileteada, reunindo trabalhos de diversas regiões do Brasil, além de Argentina, Chile, Colômbia, México e Peru. A mostra apresenta um panorama das artes gráficas de mercados, barcos e estradas, construindo um inventário afetivo e coletivo de referência para preservação das tradições.

Tais criações artísticas demonstram a manifestação e inventividade de cartazistas, letristas, abridores de letras – como são conhecidos em algumas regiões – e mestres fileteadores, cujos fazeres revelam formas de resistência e constituição de legado. Por meio da exposição, o Sesc incentiva a valorização e a transmissão desses conhecimentos, reconhecendo a importância do fazer manual enquanto expressão identitária latino-americana, além de destacar seu papel na construção de uma memória visual que é patrimônio cultural para toda a região e sua população.

Luiz Deoclecio Massaro Galina

Diretor Regional do Sesc São Paulo

PROF. DR. NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA
PORTUGUES E LATIM POR CORRESPONDENCIA - R. LIB. BADARÓ, 346 - TEL. 52-9688

Coma **CORN FLAKES**
diariamente



S. PAULO
RIO DE JANEIRO
só pela **COMETA**



Presente a quem tem uma



AÇO TORSIMA



DUBAR
BEBIDAS FINAS



MOLAS SÜEDEN
NUNCA CEDEM

PRADA



cama "Faixa Azul"
é a legítima
CAMA-PATENTE

GRUPO TROPICAL

DUPLIX

LAVAR E NÃO AMARRAR!

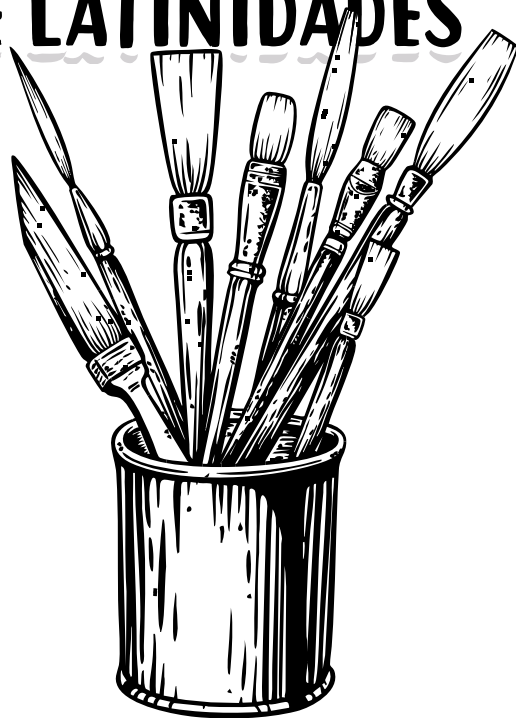




LETRAS & FILETES

MEMÓRIA AFETIVA E LATINIDADES

A exposição *Letras & Filetes: Memória Afetiva e Latinidades* reúne e celebra a potência gráfica das letras populares e da ornamentação fileteada, presentes nas ruas, mercados, fachadas, carrocerias e embarcações do Brasil e de diversos países da América Latina. Trata-se de formas visuais criadas a partir do gesto manual, da oralidade e da vivência popular. Seus traços carregam memórias, afetos e modos de vida, muitas vezes invisibilizados pelas narrativas oficiais da arte e do design.



Com obras originais de cerca de 60 artistas, entre cartazistas, abridores de letra e mestres fileteadores, a exposição se organiza em núcleos temáticos que revelam a diversidade regional e estética dessas práticas. Dos cartazes de mercado à letra amazônica, das placas populares ao filete de caminhão, cada conjunto expressa uma linguagem própria, moldada por seu território e contexto. A mostra propõe, assim, um inventário popular da letra vernacular brasileira.

A exposição também amplia seu escopo para além do Brasil, colocando em diálogo tradições gráficas latino-americanas. O fileteado portenho argentino, a rotulación mexicana, os cartazes chilenos, a letra chicha peruana e o filete das chivas colombianas compartilham com a letra

popular brasileira a ornamentação excessiva, o traço espontâneo e o vínculo direto com o cotidiano. Esses encontros traçam uma rede de latinidades gráficas que revelam formas comuns de criar, comunicar e resistir.

Letras & Filetes propõe, assim, um mergulho no universo das letras feitas à mão, não como um resgate nostálgico, mas como afirmação viva de uma cultura visual pulsante. Ao reunir diferentes sotaques gráficos, a exposição convida o público a redescobrir essas formas em sua complexidade estética, simbólica e política, reconhecendo nelas um patrimônio coletivo em constante transformação.

Filipe Grimaldi e Thiago Nevs

Curadores da exposição

Ainelén Blanes

Alejandro Serna

Alessandro Bala

Alexandro Marques

Alina Kiliwa

Ana Vitoria

Artur Hermisdorf

Atelier Sinlogo

Audrei Joelson

Beto Serna

Bob Wolfenson

Bruna Serifa

Caio Ferreira

Carga Máxima

Carrocerias Ribeiro

Clara Izabela

Cláudio Cartazista

Cristiano Kiki

Daniel Oliveira

Duda Hermisdorf

Fernando Art's

Filipe Grimaldi

Gabriel Free Hands

Gabrielle Paiva

Guaru Artes

Guezo Rocha

Handpainted Brasil

Hanna dos Santos

Idaias Freitas

José Anchieta

José Moacir

Josy Antunes

Junior Maia

Karina Kosuge

Lagarto

Lili Pintor

Luis Junior

Luis Sousa

Mano Gois

Neto Pintor

Odir Abreu

Patrick Letrista

Paulinho Mazuco

Pedro Dropinho

Pedro Lameiros

Pedro Vizioli

Priscila Richter

Reynaldo Kpricho

Roi Nascimento

Rudy Dutra

Sesc Digital

Simão Sandes

Stefania Bril

Stronzo

Sux Hdmet

Thiago Nevs

Uriel Santos

Van Designer

Vicenzo Patore

Wilton Carvalho

Zeck Letrista

Zenén Vargas

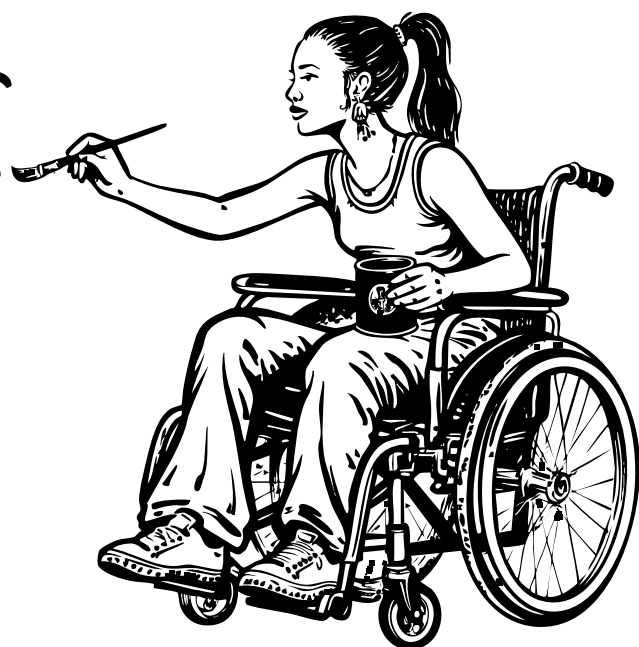
Ferro

ÃO AOS SÁB

TA *da* **DIVINA-
IDADE**



TRAÇOS *QUE* O TEMPO NÃO APAGA



Escrever e desenhar em paredes é coisa antiga. Muito antiga. Lá nas cavernas da Indonésia, por exemplo, tem um desenho de porco selvagem com mais de 51 mil anos. Milênios depois, nas ruínas de Pompeia, já dava pra ver recados e propagandas espalhados pelos muros. Anúncios de casa de banho, de luta de gladiador e, claro, umas frases meio sacanas. Parece que, de lá pra cá, pouco mudou.

Mas foi no século XIX, com a Revolução Industrial e o crescimento das cidades, que as pinturas comerciais nas fachadas ganharam força de verdade. Produtos, peças de teatro, serviços e tudo o que se pudesse vender passou a disputar espaço com letras pintadas, coloridas e cheias de presença. Os pintores letristas viraram parte importante da paisagem urbana.

Aqui no Brasil, os primeiros registros do ofício também vêm dessa época. Anúncios de jornal já falavam em pintores franceses ou ingleses que produziam “tabuletas” e letreiros sob encomenda. Essas tabuletas eram bem informativas, só avisavam o que se fazia ou vendia por ali.

Já no comecinho do século XX, os letreiros pintados realmente começaram a tomar conta da cidade. Apareciam em tudo: vitrines, tapumes, bondes, muros e até em homens-sanduíche.

No Rio de Janeiro, então capital do país, surgiram ateliês especializados nesse tipo de trabalho, como a “Oficina de Pintura em Geral – Palinsky & Fleiderman”. Em São Paulo surgiu a “Oficina de Pinturas Gentile”, do artista Miguel Braz Gentile.

Com o comércio crescendo e a publicidade se espalhando, a demanda por pintura também aumentou. A comunicação visual virou parte da vida urbana. Se antes os letreiros apenas identificavam um negócio, agora disputavam atenção e precisavam convencer o público. Não bastava dizer o que se vendia. Era preciso dizer que o produto ali era melhor que o do vizinho ou que naquele lugar tinha algo que você realmente precisava conhecer.

E não era só nos centros urbanos que o pincel marcava presença. Pelas estradas do Brasil, os caminhões também ganharam seus próprios letreiros e ornamentos. Nas laterais das carrocerias de madeira surgiram os filetes: linhas finas e dançantes, traçadas com pincel ou carretilha, que misturavam arabescos, florais e molduras com frases espirituosas no para-choque. Cada caminhão carregava um pouco do dono. Era identidade, proteção, vaidade e até uma assinatura. Os filetes saíam da boleia direto para o imaginário popular, criando um dos estilos visuais mais autênticos do país.



Foto: Nicole Castro e Rafael Hoffmann

Mas a cidade muda. E, com ela, mudam também os jeitos de se comunicar. Lá pelos anos 1990 e 2000, a impressão digital começou a tomar conta do pedaço. O pincel foi perdendo espaço para a impressora. Muitos letristas trocaram de profissão. Outros seguiram firmes. Aprenderam a se adaptar, sem abrir mão do pincel. Foram levando o ofício para outros lugares, outras superfícies. E é assim que essa arte popular segue viva.

Um letreiro pintado é mais que publicidade. Um filete de caminhão é mais que enfeite. Esses traços são parte da memória visual

das nossas cidades e estradas. Eles contam histórias: de quem anda, de quem trabalha e de quem vive nesses lugares.

Das fachadas do século XIX aos murais de hoje, das carrocerias de madeira até as galerias de arte, as Letras & Filetes atravessam o tempo como testemunhas da criatividade brasileira. E, se hoje viraram patrimônio ou voltaram como inspiração artística, é porque nunca deixaram de ser o que sempre foram: parte viva da nossa cultura popular. Uma cultura que, assim como a língua falada, é cheia de sotaques.



O SOTAQUE GRÁFICO DO BRASIL VERNACULAR

O Brasil fala com muitos sotaques, isso não é novidade pra ninguém. Às vezes cantado, às vezes embolado, às vezes comendo sílaba, às vezes inventando palavras

Quem estuda a língua chama esse jeitinho de língua vernacular. É aquele falar que brota no dia a dia, cheio de expressões e gírias únicas de cada canto. É a língua da roda de amigos, da fofoca no portão ou da conversa na mesa do bar, e não a língua engessada dos manuais e dicionários.

Mas o significado de vernacular ultrapassou os limites dos estudos da língua. Hoje usamos essa expressão pra falar sobre coisas que carregam não só a voz, mas a cara, o jeito de um lugar. Coisas que dizem muito sobre onde e por quem foram feitas. Que revelam hábitos, histórias e até mesmo dificuldades.

Aqui, quando falamos de vernacular, falamos do que nasceu pintado à mão nas fachadas de lojas, em cartazes de feira ou nas carrocerias dos caminhões. Daquela curvinha na letra, do detalhe no ornamento, na paleta de cores que só tem aí na sua região, sabe? Elementos que não seguem regras de mercado ou acadêmicas, que são criados por pessoas que, com prática e intuição, aprenderam a dar forma ao que precisa ser dito. E dito do seu jeito.

O vernacular é a expressão cotidiana de um povo, seja na fala, nas gírias, nos ornamentos ou nas letras pintadas à mão. É aquilo que é criado pela prática popular e que reflete a identidade de um lugar. É a voz que se ergue num mundo cada vez mais padronizado. Uma voz cheia de ginga, sotaque e humor. O vernacular é uma voz de resistência visual, de identidade. Uma voz que é patrimônio. Patrimônio vivo, afetivo e popular, que merece ser visto, compreendido e valorizado. Onde traços e cores contam histórias, revelam sotaques visuais e conexões culturais. E que, no fundo, dizem a mesma coisa: a gente fala, pinta e escreve cada um do seu jeitinho.

ÉGUA!



OXENTE!



BAH!



UAI!



ARREDA!

**SHOPPING DOS
IMPORTADOS
OFEIRÃO
DO REAL**

Deus seja Louvado

**UTILIDADES DOMESTICA EM
GERAL. VENHA CONFERIR.
MAIS DE 10 MIL PRODUTOS A PREÇO
DE FABRICA**

AQUI

V
A
R
E
J
O

A
T
A
C
A
D
O



A DIVERSIDADE DA LETRA POPULAR BRASILEIRA



Quando a gente fala de vernacular, dá logo pra ver o quanto o Brasil é plural. É muita cor, muito sotaque, muita cultura. Embora o vira-lata caramelo seja o favorito a símbolo nacional, definir esse Brasilzão de meu Deus não é tarefa fácil. Quando o assunto é letra popular brasileira, não é diferente. São muitos estilos, traços e características que viajam pelas ruas, rios e estradas de cada região do país.

Nos últimos vinte anos, essa diversidade começou a ser mapeada com mais carinho. Pesquisadores e apaixonados foram atrás, anotaram, fotografaram, conversaram com quem faz. O resultado? Deu pra conhecer um pouquinho mais do trabalho feito em cada canto do país e a identificar alguns estilos mais comuns.

Para entender a letra popular brasileira, a gente precisa começar por quem bota o pincel, o rolinho ou o canetão pra trabalhar. É aqui que entram dois personagens importantes nessa história: o pintor de ocasião e o letrista, o pintor profissional.

O letrista é aquele que tem nas letras a sua profissão. É o profissional que pinta muros, fachadas, cartazes e o que mais aparecer. Pode ter aprendido o ofício com um parente, com outro letrista ou em um curso especializado. Conhece bem as tintas, os pincéis e as técnicas. Ele domina o que faz.

Já o pintor ocasional é aquele que tem um pouco de tinta e um sonho: informar alguma coisa que aquela casa está à venda ou que, se estacionar ali, o seu pneu vai ser furado. Aí ele pega o que tem, seja papel, madeira ou parede, e pinta do jeito que dá. Não planeja muito se vai caber, nem sabe se tinta esmalte funciona na parede de cimento.

É do pintor ocasional que surge um dos estilos de letra popular brasileira: a letra amadora, imprecisa e espontânea, muitas vezes chamada de vernacular. Ela é aquela letra feita com o que estiver à mão: uma tinta que sobrou, um pincel velho, uma madeira tirada do lixo. O traço costuma ser meio torto, as letras variam de tamanho, maiúscula e minúscula se misturam e, às vezes, vão diminuindo de tamanho pra caber. Pode até não ter planejamento ou técnica, mas conquista pelo charme e pela personalidade.

Agora, quando a letra é feita por um profissional, a conversa muda de tom. E de traço. Os estudos sobre letra popular identificaram algumas dessas características.

Tem, por exemplo, aquelas letras com um jeitão mais certinho, reto. Algumas parecem que foram desenhadas com régua, esquadro e compasso. Elas têm proporções precisas e bem parecidas com fontes de computador, tipo a Arial. Os nomes variam: letra de forma, letra de bico, letra de recorte, grotescas. É bem provável que onde você mora chamem de outro jeito.

Parecidas com elas, tem as letras gordas. Que, em alguns cantos, atendem pelo apelido de bastão ou bananinha. São parecidas com as letras de forma, mas com as pontas arredondadas que deixam elas com uma carinha mais simpática.

Outras letras bem comuns são aquelas mais fluidas, que seguem o ritmo da mão e o movimento do pincel. Tipo as letras cursivas ou manuscritas, que normalmente aparecem inclinadas, com traços contínuos ligando uma letra na outra. Bem parecidas com aquelas que a gente aprende a escrever na escola.



Foto: Nicole Castro e Rafael Hoffmann

Já as letras de cartaz, aquelas usadas em ofertas de mercado, costumam ser grossas e pontudas, guiadas pelo formato do pincel ou canetão que os cartazistas usam. Parecidas com as letras de cartaz, tem um estilo que atende por vários nomes: caligráficas, letra rápida, quebra-galho e por aí vai. É aquela letra feita na raça, pintada direto no olho, sem muito esboço, mas com muita manha. Ela pode até parecer improvisada, mas tem muita técnica ali. Os traços não são contínuos, seguem a largura das cerdas do pincel e carregam, no vai e vem da tinta, a ginga de quem segura o cabo. Cada letra tem um quê do letrista que a criou.

Por fim, temos as letras mais artísticas, divertidas. São as letras fantasia, ou decorativas. Aquelas que carregam cores, sombras ou formas meio incomuns. Tem enfeites por dentro ou por

fora, sombra ou volume. Aí vale a criatividade do letrista ou do cliente.

E mesmo com esse catálogo de estilos de letras populares, vale reforçar que o feito à mão sempre dá um jeitinho de surpreender. Cada letrista inventa um novo traço, uma nova curva, um novo estilo. A cada contato entre os letristas de regiões diferentes, nasce um jeito novo de fazer. Por isso é tão difícil bater o martelo sobre o que é a letra popular brasileira. Porque ela não é, elas são.

São letras que fazem parte da paisagem das cidades, que nos ajudam a comprar, a chegar a algum lugar, a conhecer algo novo. Arrancam uma risada, causam confusão, surpresa, fazem a gente parar pra tirar uma foto ou lembrar daquela viagem de infância. O melhor de tudo? Elas fazem a gente lembrar que aqui é Brasil.





CARTAZES DE MERCADO E A ARTE DO COTIDIANO BRASILEIRO



Basta caminhar pelos corredores dos mercados para notar a sua presença. Até mesmo uma passadinha rápida na feira pra comprar banana já é o suficiente para um breve encontro. Afinal, os cartazes de mercado estão sempre lá.

É verdade que, nos últimos anos, com novas tecnologias de impressão e comunicação, eles vêm perdendo lugar para cartazes impressos ou até mesmo notificações na tela do seu celular. Mas os cartazes de mercado têm um papel importante de divulgação para comerciantes há tempos. No Brasil, eles fazem parte da nossa memória afetiva, com sua mistura de arte popular, publicidade e muito bom humor.

Das faixas esticadas nos muros do atacadão aos cartazes que dizem que a sua bolacha (ou biscoito) favorita está em promoção, são eles que vão te dizer o preço. Pode ser no papel cartão, no sulfite ou no couchê, mas é quase certeza que ele vai ser amarelo. O preço está lá, grandão. Ao lado ou embaixo vai também o nome do produto e um “kg”, “un”, “caixa” e por aí vai. Se sobrar um espacinho, dá pra soltar a criatividade e desenhar um peixe ou uma cesta de frutas.

Mas a grande estrela é ela: as letras de cartaz. Grandes e robustas, normalmente com traços grossos, pontudos e inclinados. São quase sempre maiúsculas porque dá pra ler de longe, sem precisar atravessar o corredor todo só pra saber se o feijão está barato. Pra completar, pode ter contorno, sombra ou relevo pra dar destaque às informações importantes.

E não dá pra falar de cartaz sem falar de cor. As letras precisam ser vibrantes e contrastantes para chamar a atenção em meio ao mar de informações. O clássico é a tinta vermelha ou preta no papel amarelo. Ou então azul e preta no papel branco. O importante é que seja fácil de ler e entender.

Por muito tempo, foi a dupla tinta e pincel que deu vida à letra de cartaz. Hoje já é possível encontrar kits com canetões de todos os tamanhos, cores e formatos que facilitam a rotina de trabalho.

E, falando em trabalho, por trás de cada cartaz tem um ou uma cartazista. Em grandes redes de supermercado, eles costumam fazer parte da equipe de comunicação. Mas tem muito cartazista autônomo por aí, que atende de mercado em mercado, além de letristas que incluem os cartazes em seus pacotes de serviços.

Mesmo com novas tecnologias à disposição dos comerciantes, os cartazes feitos à mão ainda seguem firmes. Eles comunicam, vendem, decoram e resistem. Eles vão além da publicidade, traduzem o ritmo do comércio popular com uma estética própria, acessível, direta e cheia de personalidade. Mais do que informar o preço da cebola, eles mantêm viva uma tradição visual que é a cara do cotidiano brasileiro.



Foto: Filipe Grimaldi



A LETRA DECORATIVA AMAZÔNICA EA IDENTIDADE RIBEIRINHA



Depois de uma ida à feira pra fazer o sacolão da semana, chegou a hora de embarcar em uma viagem pelo mítico rio Amazonas



Pelas águas do norte do país, em meio a árvores e bichos, as luzes douradas do sol iluminam importantes personagens que fazem parte da paisagem ribeirinha: barcos que desfilam seus nomes pintados com letras coloridas e cuidadosamente enfeitadas.

Essas belezas têm nome e sobrenome: são as letras decorativas amazônicas. Elas formam um estilo nascido das mãos de abridores de letras, como são conhecidos letristas do Norte e do Nordeste do Brasil. E se o vernacular é o jeito de cada povo se expressar no dia a dia, essas letras já viraram marca registrada da estética ribeirinha. Um vernacular que não veio da rua. Veio do rio.

A letra decorativa amazônica tem um estilo único. Daqueles que, quando a gente vê pela primeira vez, nunca mais esquece. Ela carrega uma forte inspiração na tipografia vitoriana, um estilo pomposo que dominava a comunicação lá na Inglaterra do século XIX, no tempo da Rainha Vitória. Mas aqui ganhou sotaque do Norte, muito mais cor e muito mais ginga.

Assim como as letras vitorianas, a letra amazônica é sempre maiúscula, larga, com sombra e dividida ao meio. É essa divisão que abre o caminho pra uma explosão de cores. Uma parte de cada cor, e quanto mais contraste, melhor!

A sombra é feita com uma pintura em degradê, que mistura dois ou mais tons da mesma cor. Por lá, eles chamam isso de “matizado”. Dá volume à letra, quase fazendo ela pular do casco, pronta pra ganhar vida. E pra dar aquele grau, os abridores fazem o “caqueado”, uma decoração que combina linhas, formas, cores e tudo que o coração mandar.

Com esse conjunto de técnicas, cores, enfeites e muita criatividade, os abridores de letras vão decorando os barcos que cruzam todos os dias as águas do rio Amazonas. E assim, letra por letra, caqueado por caqueado, essa arte vai navegando. Conhece novos rios, novos olhares, numa correnteza de trocas e aprendizados.

E como um personagem folclórico que nasce dos rios, a letra decorativa amazônica já ganhou as ruas e conquistou o Brasil. Com certeza você já deu de cara com elas nas mídias sociais, anúncios publicitários, estampas de roupas, peças de decoração e até mesmo desfilando pela Sapucaí.

Agora, da próxima vez que você topar com elas por aí, já sabe: não são só enfeites. São uma expressão única e popular do coração do nosso país, e carregam em seus traços a identidade da cultura ribeirinha.



O BRASIL PINTADO NA CARROCERIA DE UM CAMINHÃO



Agora que a gente desceu o rio, é hora de cair na estrada. Subir na boleia de um caminhão decorado com filetes, aquelas linhas finas e dançantes que atravessam a carroceria de madeira do bruto.

É difícil saber ao certo quando esse costume começou. Pode ter sido lá pela década de 1950. Pode ter vindo por influência do fileteado porteño dos hermanos argentinos. Ninguém bate o martelo. Mas o que se sabe é que, em algum momento, as empresas de carroceria e os próprios caminhoneiros começaram a enfeitar os possantes.

Uns diziam que era pra deixar o caminhão mais bonito mesmo. Parece que muito caminhoneiro fala que caminhão sem filete é caminhão descuidado. Outros garantem que é pra ajudar a reconhecer de longe caso um gatuno resolva levar a máquina embora. Fato é que os filetes ganham o Brasil. Do Oiapoque ao Chuí. Da Ponta do Seixas até a Serra da Contamana.

Mas antes do caminhão sair desfilando por aí, algumas ferramentas entram em cena. O estampo por exemplo, é um estêncil feito de chapas de metal ou alumínio, cortado a laser ou, mais

antigamente, na base da serra tico-tico. Ele serve pra garantir formas simétricas, repetir padrões com precisão e dar mais agilidade ao processo.

Já quando o pintor quer mais liberdade no traço, é a vez do pincel de cerdas compridas brilhar. E se a ideia é desenhar linhas bem finas e contínuas, aí vem a carretilha. Um tubo com tinta e um disco giratório na ponta. Conforme o disco gira, a tinta escorre e desenha o filete direto na madeira, com espessura uniforme e constante. E claro, tem hora que o próprio dedo do pintor resolve trabalhar. Seja para dar uma puxadinha num detalhe, seja para corrigir um escorregão.

Nesses casos, quando não se usa estêncil, quase nunca tem esboço. O pintor vai direto. Pinta de olho, com base na experiência, na memória e no espaço disponível. Vai preenchendo os módulos da carroceria no ritmo da intuição.

Os desenhos, no geral, são abstratos e com cores que variam muito. São traços finos que se entrelaçam, formando arabescos simétricos, flores estilizadas e molduras que contornam um detalhe central. Às vezes surgem toques regionais, símbolos religiosos, santinhos, corações, fitas, cruzinhas. E lá no para-choque quase sempre tem espaço pra um recado. Pode ser um agradecimento à família, um desabafo espirituoso ou uma frase engraçada, religiosa, romântica ou sacana.

Apesar de existir um estilo que a gente reconhece como “cara de filete”, cada canto do Brasil dá seu toque próprio. Tem filete do Norte, do Sul, do Sertão e da Serra. E sim, copiar é comum. E não é falta de ideia ou de respeito. É parte do aprendizado. Primeiro se imita, depois se ajusta o traço, muda uma cor, inventa uma curva. E assim o estilo vai viajando, misturando sotaques visuais, se reinventando a cada nova carroceria que pega a estrada.

Mas parece que o auge dos filetes já ficou pra trás. Hoje, com as carrocerias de metal tomando o lugar da madeira e os adesivos facilitando a padronização das frotas, a procura por esse tipo de pintura foi diminuindo.

Mesmo assim, aqui e ali ainda se vê um velho possante rodando com seus arabescos desbotados. E mais do que isso: a linguagem dos filetes sobrevive reinventada, escapando da boleia pra ganhar novos suportes. Vai parar em vitrines, roupas e galerias de arte. Eles saem da estrada, mas não do mapa da cultura popular.



Foto: Stefania Brill

LATINIDADES PINTADAS À MÃO



Agora vamos pegar a estrada e sair do Brasil um pouquinho. Vamos descobrir os sotaques visuais dos países vizinhos, onde as letras e os filetes também pulsam, dançam e contam histórias do povo que os criou. Histórias de música, festa e luta. Pintadas com cores e traços que fazem um povo se reconhecer.

Para essa viagem, a gente vai deixar o caminhão na garagem e embarcar num ônibus. Mas não é qualquer ônibus. É uma chiva colombiana, que desce das regiões andinas e rurais pra nos buscar. São veículos rústicos, adaptados pra encarar estrada de terra e serra, com carrocerias de madeira colorida. Elas não transportam só carga e passageiros. Carregam junto memória, cultura e grafismo popular. Tudo misturado nos mesmos traços.

Os filetes das chivas percorrem as laterais em faixas, geralmente seis ou oito, que cobrem a carroceria de ponta a ponta. Ali encontramos desenhos contínuos e vibrantes, baseados em formas geométricas muito bem pensadas. À base de régua, compasso e pincel, surgem círculos dentro de círculos, losangos e toda uma gama de formas que se multiplicam dividindo o mesmo centro. A partir dele, linhas se espalham como raios. Mais ao lado, complexas mandalas se aproveitam destas formas para completar o ritmo visual denso e hipnótico.

As cores? Sempre vivas. Amarelo, azul e vermelho dominam, mas com doses generosas de verde e laranja. E quando sobra espaço, quase sempre na traseira, aparecem imagens mais figurativas: paisagens andinas, santos católicos, imagens da Madre Tierra ou até personagens da cultura pop. Tudo feito com aerógrafo, no capricho, ao gosto do freguês.

As chivas colombianas nos deixam em Buenos Aires. O berço do fileteado porteño, arte que virou cartão-postal da cidade.

O estilo parece ter nascido no final do século XIX através de imigrantes italianos que pintavam as carroças que entregavam mercadorias pela cidade. Eles teriam se inspirado nos carretti sicilianí, carroças decoradas que fazem parte da cultura vernacular da ilha da Sicília, na Itália. Não demorou para o estilo se espalhar por caminhões e ônibus e depois bancas, mercados e bares, impregnando toda Buenos Aires.

Pintada com pincéis de pelos longos, essa técnica é famosa pelas cores vibrantes e pelas letras sempre rodeadas de arabescos de plantas e animais. A letra usada nas pinturas, chamada de esgróstica, é uma releitura que combina traços góticos com ornamentos coloridos e tridimensionais, o repique. A inspiração teria vindo das cédulas de dinheiro argentinas, impressas em Londres.

Hoje, ao caminhar por Buenos Aires, é difícil não cruzar com o fileteado. Ele está nas fachadas e vitrines de lojas, bares e restaurantes. Mesmo com a chegada dos adesivos e da impressão digital, muitos traços ainda são feitos à mão, transformando a cidade em um museu a céu aberto.



Mas esse impulso de pintar a cidade também faz parte da alma de outras capitais latinas. Em Lima, no Peru, os cartazes chicha com suas cores fosforescentes e letras psicodélicas gritam personalidade nos becos e avenidas da periferia.

A arte gráfica chicha nasceu junto com a música de mesmo nome. Uma mistura de huayno andino, cumbia e rock psicodélico que embalou as festas populares dos anos 1980. Para anunciar os shows, pipocaram cartazes serigrafados à mão. Letras robustas e sinuosas surgiam em verde neon, rosa-choque e laranja vivo sobre fundos escuros. A psicodelia dos traços se misturava às estampas das saias e tecidos Huanca e dava forma a uma estética híbrida e vibrante.

A arte chicha é relevante não só no aspecto visual, mas também como uma voz social, que reivindica espaço para a cultura do povo em meio ao concreto das cidades. Hoje essa estética sai do muro e entra na vitrine das galerias. A publicidade também a abraça para conversar com gostos populares. E muitos dos artistas que deram vida aos cartazes finalmente são reconhecidos assim, como Artistas.

Deixamos Lima para fazer uma viagem no tempo e no espaço. Voltar pra quando os antigos ônibus urbanos de Santiago, no Chile, carregavam nos para-brisas placas pintadas anunciando o número da linha e o destino. Tipo: 682 Renca — La Florida ou 405 La Florida — Estación Central. Além de mostrar o caminho, esses cartazes também davam recados como “*Pague con sencillo*”, “*Dios es mi copiloto*” e até piadas do motorista como “*Yo soy burro, bajo por delante*”.

Os carteles de micros eram pintados em fundo amarelo ou branco, cores ligadas à própria pintura dos ônibus. As letras ganhavam tons como preto, vermelho ou azul. Às vezes aparecia uma sombra, outras um degradê. Era comum misturar estilos. Letras com ou sem serifa, traços retos e robustos ou guiados pela manualidade do pincel. Sempre com aquele traço solto de quem pinta direto no olho. Filetes, asteriscos e estrelinhas decoravam as bordas.

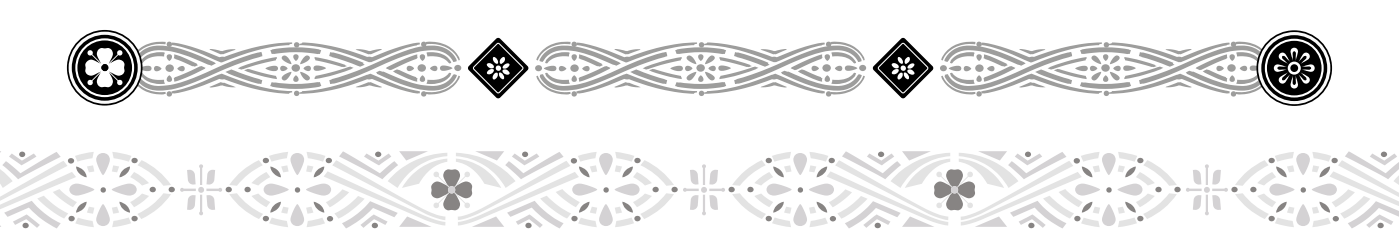
Porém, no começo dos anos 2000, a frota foi modernizada e os letreiros viraram digitais ou impressos. Mas o estilo ficou. Muitos letristas continuaram no jogo, agora pintando placas para lojas, restaurantes ou como lembranças pra turistas. Os cartazes saíram dos ônibus, mas seguem vivos nas ruas de Santiago.

Agora a gente sobe no mapa, para outras latitudes (ou seriam latinidades?). Nossa última parada é bem ao norte, na Cidade do México. Lá, a rotulación aparece em fachadas de loja, carrinhos de comida ou vitrines de vidro, principalmente em bairros populares, longe dos centros históricos e financeiros da capital. Nela, nada é simples, nem discreto. As tortas viram “tortas gigantes” e os sucos ficam “superdeliciosos”. O absurdo também entra em cena: camarões devorando coquetel de camarão e porcos sorridentes se assando em fogueiras são jeitos divertidos de chamar a atenção. É o humor mexicano, encontrando alegria no infortúnio. Bom, nesse ponto em específico, somos todos hermanos.

Na hora das letras, os rotulistas misturam referências, algumas copiadas de guias e manuais e outras criadas à mão livre. Mesmo os estilos mais básicos ganham toques pessoais com degradês, relevos ou aplicações de folha de estanho. E, nesse caso, às vezes surgem exemplos do famoso “jeitinho mexicano”, quando o rotulista usa refrigerante para grudar as folhas (o açúcar serve como cola). Mas tem um estilo de letras que se destaca. Novamente elas, as letras góticas. Mas aqui elas vêm cheia de gingado, malemolência latina. Com pinceladas mais soltas, menos rígidas.

As cores seguem a regra latina: devem ser vivas e contrastantes, principalmente vermelho e amarelo. Às vezes até aparece um azul, mas em doses contidas. Preto? Preto não. Não chama atenção.

Nos últimos anos, tinta branca tem tentado encobrir esses tesouros porque alguns políticos mexicanos acham que eles são uma “afronta à imagem da cidade”. Será que essa atitude não vem do fato de que sempre nos venderam a ideia de que nossas cidades são feias e que o ideal de

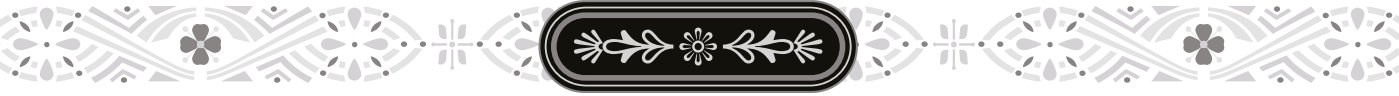


beleza está em outro lugar? Provavelmente. Mas, quando a gente olha de verdade, percebe a riqueza visual dos nossos países. Se alguns veem na gráfica popular poluição visual ou mau gosto, a gente vê nela expressão autêntica da nossa cultura.

Seja no México, na Colômbia ou no Brasil, em toda a América Latina essas manifestações seguem vivas, temperando visualmente nossos muros, fachadas, ônibus e ruas. Artistas anônimos, que aprenderam o ofício com pais e mestres, misturam tradições indígenas, traços da colonização europeia e referências de movimentos artísticos contemporâneos. Eles pegam aquilo que o

colonizador nos trouxe e o atingem com o “raio latinizador”, que não liga pra descrição nem sutileza. É o *horror vacui* do barroco popular latino-americano: se pode ser preenchido, será. Nosso amor por ornamentos, cores vibrantes e contrastes cria uma linguagem visual única que destaca a diversidade e a memória de cada região.

Cada traço dessa gráfica latina é um sotaque visual que carrega tradições, crenças, festas e lutas. É um reflexo profundo de nossa cultura, de nossos costumes, do que comemos, de como nos comunicamos, de como vemos o mundo e por aí vai. A gráfica popular latina é uma rica linguagem que nos descreve e nos une como latino-americanos.



PRA FECHAR, *COM* TODAS AS LETRAS

No fim das contas, o papo aqui é sobre olhar com mais atenção para o que sempre esteve por perto. Letras pintadas à mão, cartazes de mercado, filetes em caminhão, placas na beira da estrada. Tudo isso que muita gente ainda trata como tosco, feio, sem valor. E que, na real, é parte de um mapa afetivo do nosso cotidiano. São traços que contam quem somos, como nos expressamos e como a gente inventa beleza com pouco. Porque quando falta recurso, sobra criatividade.

Cada letra, cada enfeite, cada traço torto ou simétrico, cada cor berrante é um lembrete de que o Brasil, e a América Latina toda, têm voz, têm ritmo e traço próprio. E não é um traço só, são muitos. Um em cada canto, um pra cada sotaque. Que se tornaram uma arte que não pede licença pra existir. Que nasce no improviso, resiste ao apagamento e segue viva. Às vezes aos trancos e barrancos. É o barroco popular que não tá nem aí pra regras e padrões. Uma mistura ousada de influências que não tem medo do excesso. Mas que olha de frente pro mundo e diz: “ei, aqui a gente fala, pinta e vive do nosso jeito”.

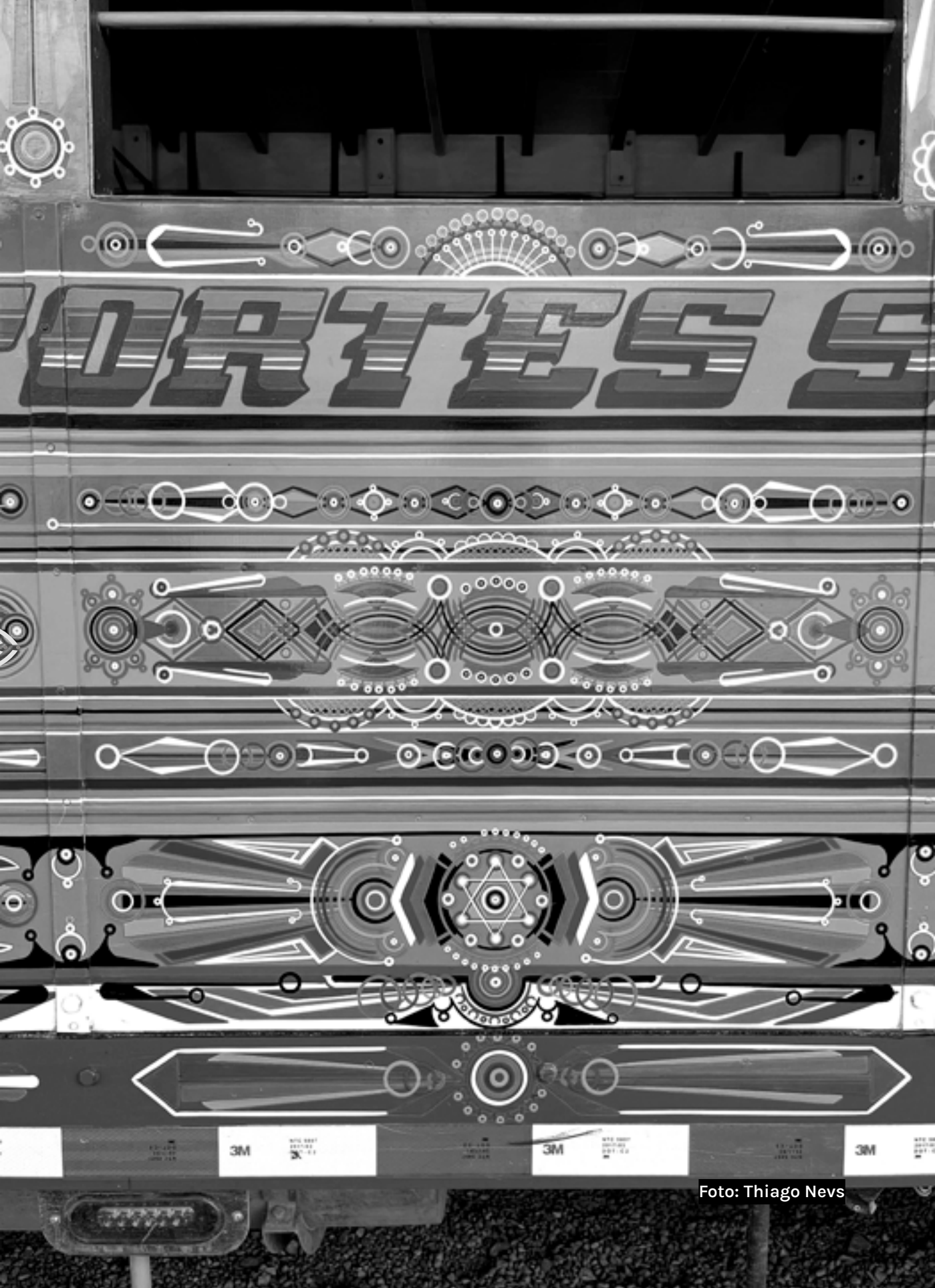


Foto: Thiago News



PASSO A PASSO DE COMO PINTAR LETRAS

Olá! Esta cartilha foi criada como um desdobramento da exposição *Letras & Filetes: Memória Afetiva e Latinidades*. Ela nasce do desejo de compartilhar, de forma simples e acessível, os primeiros passos da pintura de letras – um ofício popular presente em fachadas, mercados, muros e faixas por todo o Brasil.

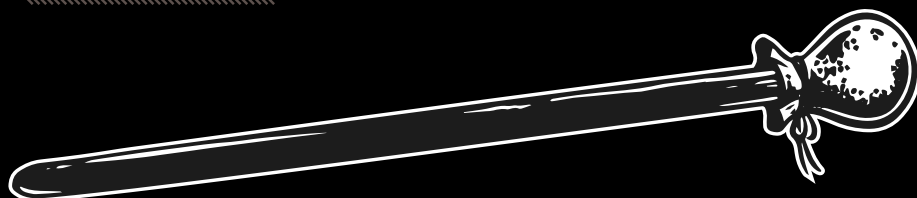
Sou Filipe Grimaldi, artista e pesquisador da letra pintada à mão. Ao longo dos anos, venho aprendendo e trocando com mestres e mestras da pintura de letras em diferentes regiões do país. Esta cartilha reúne alguns fundamentos dessa prática: tipos de letras, ferramentas, técnicas e dicas para quem quer experimentar a criação dos próprios letreiros. Você não precisa ter experiência prévia com desenho, design ou pintura, basta disposição para praticar e observar.

A proposta é que este material funcione como um guia introdutório, feito com linguagem popular e voltado para todas as idades. Esperamos que essa cartilha inspire você a valorizar e, quem sabe, a continuar esse saber que é coletivo, manual e brasileiro.

Se você quiser se aprofundar ainda mais, o curso gratuito *O Pintor Letrista*, disponível na plataforma Sesc Digital EAD, apresenta videoaulas completas sobre o ofício da letra pintada. Nele, você aprende passo a passo como construir letras com o pincel. É um conteúdo acessível e aberto para todos os públicos.

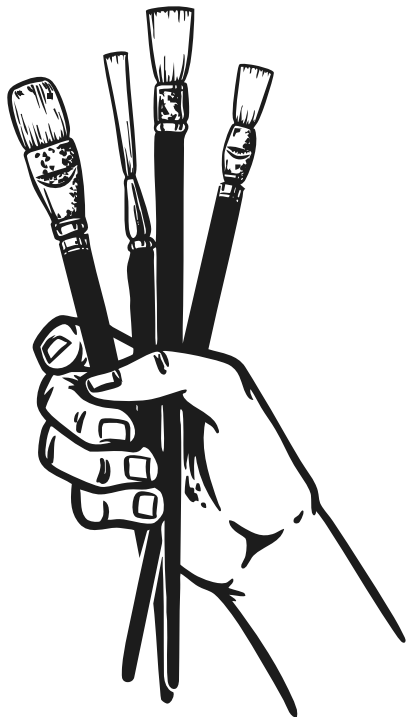
Para se inscrever, acesse:

ead.sesc.digital



Bastão de apoio - Mahl Stick

PINCÉIS



A principal ferramenta para pintar letras é o pincel de letrista. Diferente dos pincéis comuns, ele tem cerdas mais longas e flexíveis, que permitem movimentos contínuos e precisos. Geralmente, são feitos com pelos naturais de orelha de boi, rabo de esquilo ou marta, mas também em versões sintéticas. São materiais que ajudam a manter a tinta estável e o traço firme. Existem várias marcas e modelos usados por pintores e pintoras de letras. Ao lado, listamos alguns dos principais pincéis nacionais e internacionais:

Se possível, procure treinar com um desses pincéis, especialmente os mais longos e flexíveis, para que seu traço fique mais fluido e profissional desde o início. Mas se não tiver acesso fácil, comece com o que tiver à mão, o importante é praticar

PINCEL DE CERDAS SINTÉTICAS



Novo pincel brasileiro de letrista, de cerdas sintéticas, disponíveis em virolas redondas e chatas.

PINCEL CHATO CURTO



Tem cabo mais curto e cerdas médias, sendo uma boa opção de entrada.

PINCEL CHATO ALONGADO



Série descontinuada, mas ainda pode ser encontrada em estoques antigos. Tem virola chata e é ideal para letras retas e precisas.

PINCEL REDONDO ALONGADO



Também descontinuado, possui virola redonda, o que facilita traços arredondados ou em bico, ótimo para acabamentos.

PINCEL ARGENTINO



Fabricante tradicional com pincéis de alta qualidade e cerdas longas. Muito usado por letristas latino-americanos.

PINCEL NORTE-AMERICANO



Uma das marcas mais respeitadas no mundo da pintura de letras. Produz diversos modelos profissionais com acabamentos refinados.

TINTAS



Na pintura de letras, usamos principalmente dois tipos de tinta: esmalte sintético e esmalte à base de água. Ambos são ideais para superfícies como madeira, metal, vidro e até paredes, mas cada um tem suas particularidades.



ESMALTE SINTÉTICO

É mais resistente ao tempo e indicado para áreas externas expostas ao sol e à chuva. Tem secagem mais lenta e precisa ser diluído e limpo com aguarrás. Cuidado, o uso de thinner não é indicado, pois quebra as cerdas do pincel.

O esmalte, de modo geral, é a tinta líquida com melhor cobertura para a pintura de letras. Um detalhe importante é o ponto da tinta: ela não pode estar nem grossa demais (tipo pasta), nem aguada demais (como água). O ideal é que ela esteja fluida o suficiente para escorrer do pincel (em fio) e pingar levemente ao mesmo tempo – esse é o truque para um bom traço.

Na preparação das cores à base de água, usamos como base o esmalte branco, adicionando corantes líquidos para criar tons variados. O

ESMALTE À BASE DE ÁGUA

Tem aplicação parecida, mas seca mais rápido e é menos resistente. A grande vantagem é que pode ser diluído e limpo com água comum, o que facilita o uso e o cuidado dos pincéis.

preto é a única cor que não conseguimos atingir a partir do branco, então ele deve ser comprado pronto. Os materiais básicos, portanto, são: tinta branca, tinta preta, corantes líquidos e água.

Por fim, vale lembrar: o pintor letrista trabalha em superfícies muito diferentes entre si: madeira, metal, vidro, cimento, tijolo, lona e outras. Cada uma exige um tipo de atenção. Com o tempo, você vai aprendendo, na prática, os cuidados específicos para cada material.

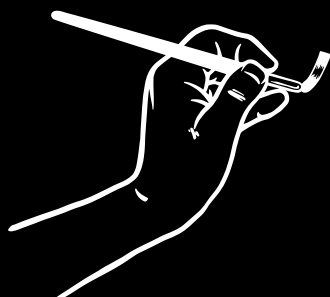
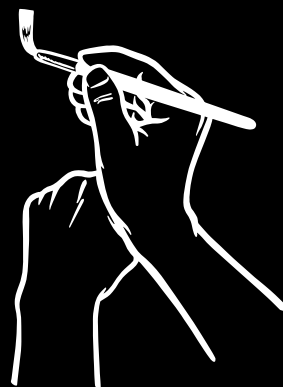
POSICIONAMENTO DAS MÃOS

A posição das mãos influencia diretamente a firmeza do traço e a qualidade do acabamento na pintura de letras. O mais importante é evitar encostar a mão na superfície que está sendo pintada, para não borrar a tinta ou arrastar o traço. Um bom apoio garante estabilidade e mais segurança nos movimentos.

Cada letrista desenvolve, com o tempo, sua própria forma de se posicionar. Aqui, mostramos três apoios comuns usados por profissionais para manter a mão suspensa ou firme durante a pincelada. Não existe um jeito certo ou único – o ideal é testar e encontrar o apoio que funcione melhor para você.

1. SOBREMÃO "HAND OVER HAND"

Técnica com duas mãos. Uma mão fica fechada, apoiada sobre a superfície, servindo de base. A outra segura o pincel e se apoia levemente sobre a mão fechada, nivelando a altura e ganhando firmeza para pintar.



2. DEDINHO "PINKY DOWN"

Técnica com uma só mão. O dedinho (dedo mínimo) toca levemente a superfície e funciona como apoio. Ele sustenta a mão na altura certa da pincelada, garantindo precisão sem deixar a mão toda encostar na pintura.

3. BALONETA, BATUTA OU TENTO "MAHL STICK"

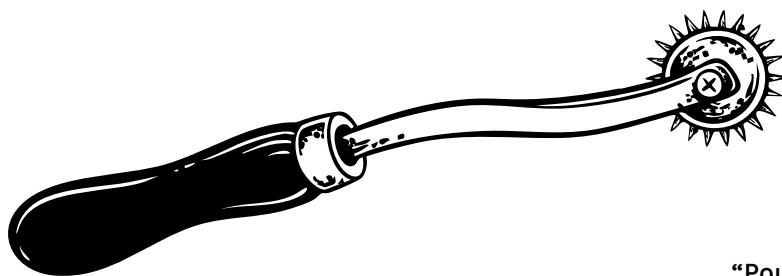
Técnica com duas mãos. Uma delas segura um bastão, apoiado fora da área pintada. A outra mão, que segura o pincel, repousa levemente sobre o bastão, ganhando estabilidade e controle sobre o traço.



PREPARAÇÃO DA PAUTA

Para manter o tamanho das letras regular, o primeiro exercício antes de começar a pintar é construir uma pauta de treino no papel. A base, como já vimos, é uma folha de cartolina de cinquenta por sessenta centímetros, aproximadamente. Nós vamos usar uma régua ou base reta e fazer linhas com distância de dez centímetros de altura entre elas na folha.

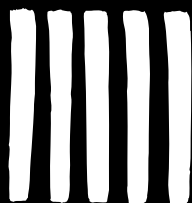
Basta pegar a régua e traçar uma linha em cima e outra dez centímetros abaixo, deixando um espaço entre as pautas. Prepare quatro linhas de dez centímetros, preservando este intervalo entre elas.



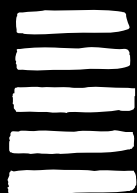
“Pouncing Wheel”

EXERCÍCIOS DE AQUECIMENTO

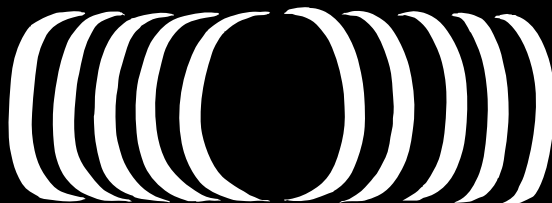
VERTICAL



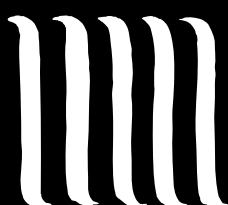
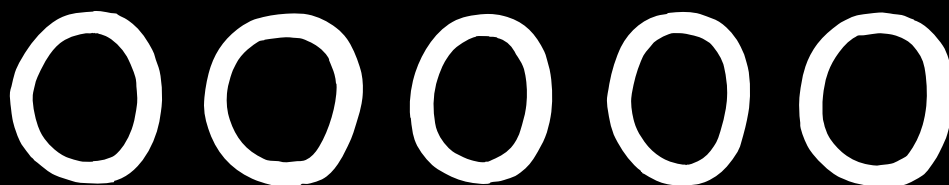
HORIZONTAL



PARÊNTESES



COLCHETES

ESTRUTURA
LETRA POUPULARSOBE
DESCE
SOBE

ROTULAÇÃO DE PINCEL

Com o material pronto, nós vamos exercitar os primeiros movimentos e a orientação do pincel. Estes exercícios são importantes para você ganhar agilidade e precisão no movimento da mão e do pincel. Vamos replicar os nove movimentos, no mínimo 5 vezes cada um.

Na ilustração, está um demonstrativo de como eles devem ficar. Aqui, entram em ação cuidados muito importantes para a pintura de letras, como a utilização da

face grossa e da face fina do pincel para determinar as grossuras da letras, os cantos terminados em bicos finos e as extremidades terminadas em quina, ou bico quadrado.

Atenção especial para o último exercício, de rotulação, onde é necessário girar o cabo do pincel nos dedos para seguir na mesma espessura por todo o círculo. Enquanto exercita esta rotulação, observe o movimento do seu pulso.

Pincel Banda



QUEBRA-GALHO CALIGRÁFICO

O alfabeto popular é encontrado principalmente nos comércios locais e placas de sinalização. Por sua facilidade e rapidez de criação, ele é utilizado como alfabeto de preenchimento.

Na pauta de 10 cm de altura que preparamos, você irá repetir o alfabeto completo seguindo a orientação do pincel. Você perceberá que estas pinceladas replicam muitos dos movimentos treinados nos exercícios introdutórios: terminações em ponta fina, terminações em quina, movimento de “sobe, desce, sobe” e rotulações.

A B C D E F G

H I J K L M N

O P Q R S T U V

W X Y Z * ~ ! ? /

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 * DE

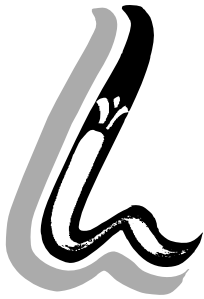
PAUTA: 10 CM | PINCEL: CHATO LONGADO 172 12 | AUTORIA: FILIPE GRIMALDI



SOMBRAS



Abaixo temos 3 tipos de sombra em uma letra popular, na cor cinza.
São elas: sombra destacada, sombra peruana e sombra de baixo.



SOMBRA DESTACADA

É quase da mesma espessura da letra, com a mesma técnica deixa um intervalo uniforme em branco entre a letra e a sombra.



SOMBRA PERUANA

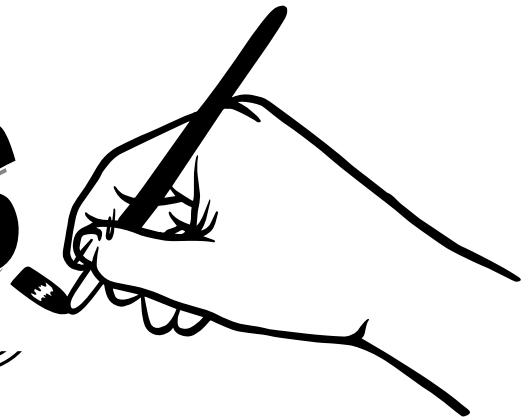
Com o pincel de lado, gera uma sombra fina lateral e grossa embaixo da letra. É usada quando não se tem muito espaço entre as letras ou na superfície.



SOMBRA DE BAIXO

É uma sombra rápida feita apenas abaixo da letra e que necessita de poucos adornos, utilizada quando não se tem muito tempo e espaço.

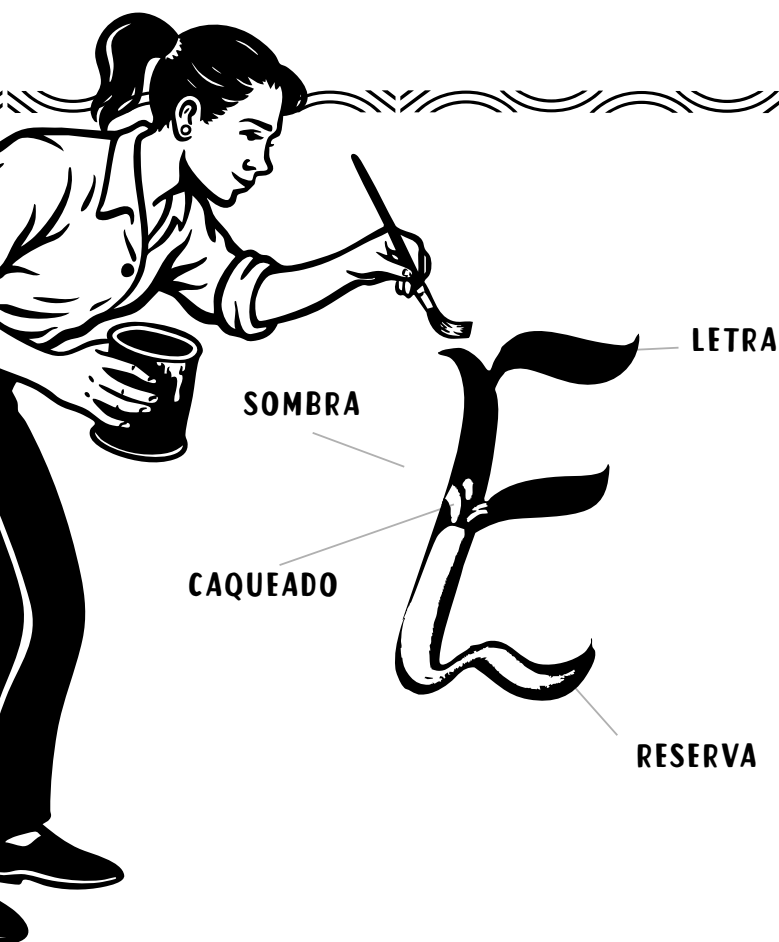
FILETES



RESERVAS E CAQUEADOS

Dentro do corpo da letra popular, é possível inserir uma reserva de tinta na parte inferior da letra da metade para baixo, deixando um espaço entre essa reserva e a borda da letra. Na ilustração, são as pinceladas feitas na cor branca. Ela é muito útil para inserir luz ou sombra na parte inferior da letra, destacando-a e a decorando.

Na sequência, a maior parte dos pintores letristas adiciona um caqueado simples para finalizar a decoração da letra. Caqueado é a palavra usada pelos abridores de letra do norte do Brasil para definir enfeite. É um desenho criado pelo pincel, que inserimos no interior do corpo da letra. Veja algumas variações na ilustração, também em branco, que podem ser curvas, asteriscos ou os três tracinhos que dão a impressão de dégradé.



LETRAS

LETRAS

LETRAS



ALFABETO BASTÃO

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

! ? , . : ; ' " & % ^ _ ` ~

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

PAUTA: ASCENDENTE 2,5CM | DESCENDENTE 2,5CM
LINHA BASE: 5CM | PINCEL: CHATO ALONGADO 172 12
AUTORIA: FILIPE GRIMALDI

É um conjunto de letras fundamental, que hoje em dia é a base para alfabetização em muitas escolas. Este alfabeto pede uma pauta mais complexa, na qual os 10 cm de altura se dividem em um espaço superior de 2,5 cm, uma base ao meio de 5 cm e um espaço inferior de 2,5 cm. Isto

porque as letras têm ascendentes (pernas pra cima) e descendentes (pernas para baixo), que representam os prolongamentos das letras. Este alfabeto possui, como qualidade, o fato de ser muito legível. É bastante utilizado nos letreiros comerciais.



ALFABETO CURSIVO

60° / *a b c d e f g h i j k*

l m n o p q r s t u v

*w x y z Z ! ? / **

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 /

PAUTA: ASCENDENTE 2,5CM | DESCENDENTE 2,5CM | LINHA BASE: 5CM
Riscar ângulo de 60° por toda a pauta | PINCEL: CHATO LONGADO 172 12
AUTORIA: FILIPE GRIMALDI

Muitos de nós fomos alfabetizados aprendendo a escrever em letra cursiva. Estas letras também possuem ascendentes e descendentes e muitas variações. O alfabeto cursivo é, igualmente, bastante utilizado em letreiros comerciais

Desenvolvi este alfabeto porque senti necessidade de aplicação quase diária nos meus trabalhos comerciais. Utilizei a caligrafia clássica e o alfabeto cursivo inglês para transferir a técnica para o pincel de letrista. Neste alfabeto, as letras são inclinadas em 60 graus para a direita.



ALFABETO FINO E GROSSO

“THICK AND THIN”



A B C D E F G

H I J K L M N

O P Q R S T U

V W X Y Z !

1 2 3 4 5 6 7 8 9

0 \ ? > < () [&] .

PAUTA: LINHA BASE: 10CM | PINCEL: CHATO ALONGADO 172 12

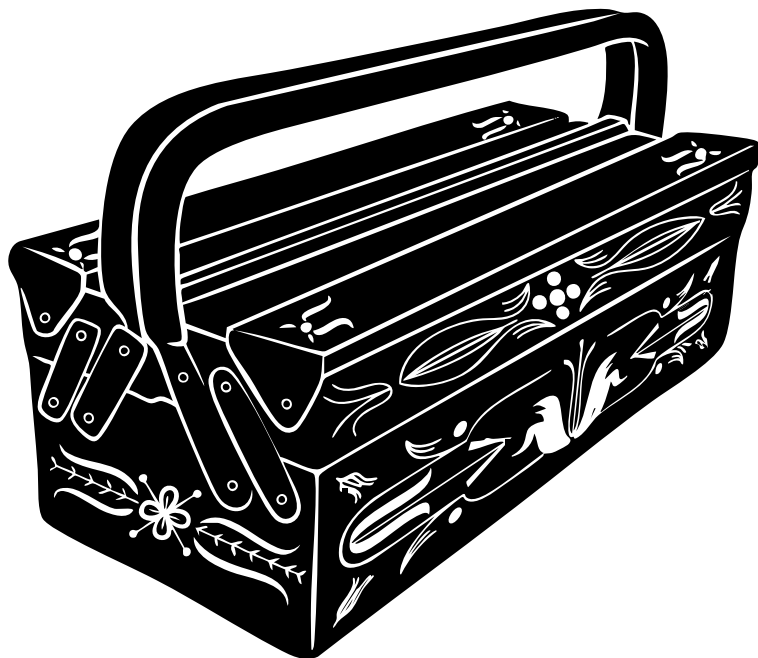
AUTORIA: FILIPE GRIMALDI

Este alfabeto foi inspirado na observação de placas de sinalização em unidades do Sesc São Paulo e da prefeitura de São Paulo nos anos 1960 e 1970. Durante pesquisas de campo, descobrimos um pintor letrista, hoje já falecido, que replicava nestes locais uma versão deste alfabeto que batizei de fino e grosso (thick and thin).

Pelo fácil manejo, esta letra também foi encontrada em diversas regiões do país, proveniente das tradições da colonização europeia. Traz esteticamente os cantos agudos e excelente espaçamento entre espaços pretos e brancos. O aspecto de fino e grosso é criado pelo reforço de linha dupla em algumas pinceladas.



A BELEZA E A COMPLEXIDADE DO ATELIÊ DE LETRISTA



O ateliê de letrista é aquele cantinho quase mágico onde letreiros, cartazes e filetes nascem pra trazer informação ou pra decorar a paisagem gráfica brasileira. É ali que a coisa acontece de verdade. Com tinta, pincel e muita cor.



Imagine uma bancada inclinada, perfeita para abrir letras que parecem saltar do papel, cercada por estantes cheias de tintas, pincéis e um pouco daquela bagunça organizada. Não é só um espaço de trabalho. É um laboratório vivo de experimentos gráficos, onde as ideias tomam forma e as letras ganham alma.

Rascunhos de letras espalhados, alfabetos pendurados, sobras de cartazes e manchas de tinta fazem parte da decoração desse cenário meio caótico. Um lugar onde misturar tintas, lavar pincéis e planejar letreiros, murais e cartazes é rotina, quase um ritual. É nesse ateliê que as obras descansam entre uma pincelada e outra,

esperando a tinta secar antes de sair para brilhar nas ruas, nos rios ou na feira.

Em sua primeira edição, no Sesc Ipiranga, foi criada a obra-instalação intitulada “O Ateliê do Letrista”, uma recriação caprichada dos ateliês populares espalhados pelo Brasil. Nesta edição, “O Ateliê do Letrista” está representado por um dos vidros que compuseram a instalação anterior, que convidam o visitante a entrar, pela imaginação, em um espaço de criação quase sempre escondido, seja nos fundos de casas, garagens ou mercados. Um espaço onde o processo, a prática e a presença são, eles mesmos, a obra.



GLOSSÁRIO



ASCENDENTES

Letras que têm “pernas” para cima.
(Ex: b, d, h, k, etc.)

BALONETA/BATUTA

Ferramenta utilizada pelo letrista para o apoio das mãos.

CAQUEADOS

Palavra utilizada para definir “enfeite” ou “detalhe” na região norte do Brasil. Nos alfabetos populares utilizamos o termo para se referir a símbolos, ornamentos e detalhes dentro do corpo da letra.

CERDAS DO PINCEL

São os pelos do pincel, podem ser feitos de pelo natural ou sintético.

CURSIVA

Estilo de letra manual corrida, em que as terminações das letras se ligam umas às outras para formar as palavras, com a qual a maioria de nós foi alfabetizado.

DEDINHO

Posição de apoio para pintar em que se utiliza o dedinho da mão para não apoiar na superfície.

DÉGRADÉ

Combinação cromática que funde uma cor com a outra.

DESCENDENTES

Letras que têm “pernas” para baixo.
(Ex: g, j, p, q, etc.)

PAUTA

Conjunto de linhas referenciais para construção de letras geradas pelo pincel.

RESERVA

Detalhe interno da letra no qual se “reserva” uma parte interior da letra para ser pintada com outra cor, normalmente do centro para baixo.

ROTULAÇÃO

Movimento com o pincel em formato de círculo em que se “roda” o pincel nos dedos para movimentar as cerdas.
Virola do pincel – Parte metálica que liga o cabo e as cerdas do pincel.
Pode ser chata ou redonda, oferecendo finalizações de pintura diferentes.

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

**Administração Regional
no Estado de São Paulo**

Presidente do Conselho Regional

Ivo Dall'Acqua

Diretor do Departamento Regional

Luiz Deoclecio Massaro Galina

Superintendências**Jurídica**

Carla Bertucci Barbieri

Engenharia e Infraestrutura

Elias Albano da Silva

Administração

Jackson Andrade de Matos

Assessoria Técnica e de Planejamento

Marta Raquel Colabone

Comunicação Social

Ricardo Gentil

Técnico-Social

Rosana Paulo da Cunha

Gerências**Artes Visuais e Tecnologia**

Juliana Braga de Mattos

Estudos e Desenvolvimento

João Paulo Guadanucci

**Educação para Sustentabilidade
e Cidadania**

Denise de Souza Baena Segura

Artes Gráficas

Rogério Ianelli

Assessoria de Relações Internacionais

Heloisa Pisani

Sesc Piracicaba

Henrique Barcelos

LETRAS & FILETES:**MEMÓRIA AFETIVA E LATINIDADES**

Idealização Filipe Grimaldi, Thiago Nevs
e Carolina Herszenhut

Curadoria Filipe Grimaldi e Thiago Nevs

Equipe Sesc

Adriano Alves Pinto, Alan Sales, Camila Amaral, Camila Bettini, Carolina Barmell, Cleber Paes, Eliane Fernandes, Fabio Vasconcelos, Fabíola Tavares Milan, Felipe Celso, Francisco Galvão, Gustavo Vitti, Jefferson Tognoli, Joice de Lorena, Juliana Defavari, Karina Camargo Leal, Lígia Zamaro, Lilian Sales, Lívia Silva, Luciane Garcia, Marcela Perencin, Mariana Benatti, Mario Andriota, Michele Zaia, Mirela Vianna, Priscila Machado Nunes, Renato Olini, Renilson Orlandini, Roberta Bernardo, Robson Bonilha, Rosielle Francine Machado

Coordenação de Produção

Aborda - Carolina Herszenhut

Produção

Luana Aguiar

Equipe Aborda

Mariana Barbosa, Gabriella Silva, Laura Bragotto e Vanessa Gonçalves

Produção Local

Margarete Regina Chiarella

Assessoria Jurídica

Gabriel Reis

Coordenação Educativa

Luciane Tobias

Expografia

Fernanda Carlucci e Fernando Passetti

Projetos de Estrutura e Elétrica

Murilo Jarreta

Projeto de Acessibilidade

Sílvia Arruda

Projeto de Iluminação

André Boll

Assistência de Projeto de Iluminação

Giullia Gonçalves



Identidade Visual

Estúdio Arado - Beatriz Lago, Lara Gomes,
Luis Matuto, Mariane Takahashi

Pintura de Murais na Exposição

Alina Kiliwa, Ana Vitoria, Reynaldo Kpricho e
Atelier Sinlogo - Pedro Dropinho, Sux Hdmet,
Bruna Serifa, Thiago Nevs e Filipe Grimaldi

Pintura de Adereços

Stronzo, Alexandre Marques, Will Letrando,
Mano Gois, Zeck Letrista e Atelier Sinlogo

Execução de Projeto Gráfico

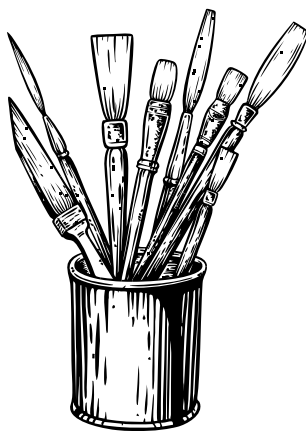
Atelier Sinlogo

Textos

Nicole Castro e Rafael Hoffmann

Revisão de Textos

Pérola Mathias



Esta publicação foi composta com a fonte Karla, nos corpos 9, 11 e 12 pt, e com títulos em Alfabeto Boteco, tipografia brasileira, em corpo 42 pt. Os grafismos foram desenvolvidos a partir da fonte ornamental brasileira Carroceria CT Stencil, com apoio das fontes Odile Ornaments Regular, Elido Ornaments Regular, Bodoni Classic Ornaments, Matrix II e Sentinel Ornaments.

O miolo foi impresso em papel Alta Alvura 90g/m e a capa em papel Couchê Matte 170g/m com tiragem de 12.000 exemplares, em outubro de 2026.



Letras & Filetes: Memória Afetiva e Latinidades

23 de outubro de 2026 até 30 de maio de 2027

Terça a sexta, 13h às 21h30

Sábados, domingos e feriados, 9h30 às 17h30

Agendamento de grupos:

agendamentoexposicao.piracicaba@sescsp.org.br

FAÇA SUA
CREDENCIAL
SESC



Sesc Piracicaba

Rua Ipiranga, 155

Centro – Piracicaba – SP

Tel.: 19 3437-9292

f @sescpiracicaba

sescsp.org.br/piracicaba